

5

Análise dos dados

A análise dos dados partiu da redação escrita pelos alunos e dos registros audiovisuais das etapas da elaboração dos roteiros e das entrevistas. Em um primeiro momento, utilizamos o software de análise de dados *Atlas ti*, que permite associar códigos a citações de um texto ou trecho de um vídeo. Este software mostrou-se de grande utilidade no processo de decupagem dos vídeos, uma vez que permite que comentários e códigos sejam associados aos trechos sem a necessidade de transcrição. No entanto, após selecionarmos os trechos importantes para a pesquisa, a transcrição tornou-se inevitável, uma vez que a proposta metodológica deste trabalho exige atenção especial às palavras usadas e ao contexto dos diálogos.

Logo no início da análise, tivemos dificuldades em trabalhar com os códigos, uma vez que a categorização muito rígida dos depoimentos não conseguia dar conta da multiplicidade de sentidos que eles carregavam. Optamos, enfim, por categorizar as falas dos alunos a partir de temas mais amplos e analisá-las de forma interpretativa, considerando todo o contexto em que se manifestavam. Desta forma, ainda com o auxílio do *Atlas ti* percebemos a recorrência de quatro grandes temas nas falas dos participantes da pesquisa, a partir dos quais organizamos o processo analítico. Estes temas foram: as expectativas a respeito do trabalho e do futuro, as relações familiares, os fatores propriamente intraescolares e os espaços extraescolares de socialização.

A fim de dar conta de compreender aquilo que os depoimentos revelam tanto em relação ao conjunto dos participantes, quanto ao emissor em particular, dividimos a análise em duas partes.

Em um primeiro momento, que chamaremos de *análise do posicionamento coletivo*, o material foi analisado a partir das quatro categorias já citadas, que equivalem a fatores que se articulam na construção da identidade do aluno, conforme ficou demonstrado nos depoimentos dos participantes. Esta primeira parte da análise permitiu que tivéssemos uma visão mais completa do contexto em que as posições individuais se expressaram, o que foi fundamental para que pudéssemos analisar as construções identitárias na etapa seguinte.

Na segunda parte, chamada *análise do processo de construção identitária individual*, foi analisado o desenvolvimento dos discursos de alguns dos participantes individualmente, de modo a buscar compreender como cada um constrói sua própria identidade de aluno ao longo do processo de pesquisa. Optamos nesta fase da análise por selecionar os depoimentos de 6 alunos, que participaram mais efetivamente das etapas da pesquisa, expondo mais claramente suas opiniões.

5.1

Elaboração dos roteiros

A análise dos dados entrará em detalhes nos posicionamentos expressos por cada grupo em cada etapa da pesquisa. Escolhemos organizar os dados desta forma – grupos e etapas separadamente – para que os depoimentos fossem analisados em seus contextos de origem. Uma das etapas analisadas foi a da elaboração coletiva do roteiro, em que os participantes expressaram suas opiniões a respeito das situações vividas por personagens fictícios. A título de clareza, exporemos já de início a organização dos roteiros, acreditando que isto facilite a leitura e o acompanhamento das análises.

Para a elaboração do roteiro criamos dois personagens inspirados nas redações escritas pelos participantes. Estes personagens tinham dilemas pessoais que os alunos deveriam resolver em um roteiro que seria filmado posteriormente. Os personagens criados para o Grupo I foram Mariana e Daniel, enquanto os do Grupo II foram Guilherme e Renata. Segue abaixo tabela contendo as descrições dos personagens e as tramas criadas na oficina de elaboração de roteiro:

Elaboração dos roteiros		
	Personagens	Trama elaborada coletivamente
Grupo I	Mariana - Está terminando o Ensino Médio e deseja fazer faculdade de medicina, mas os pais pressionam para que comece a trabalhar.	Os alunos optaram por fazer um só roteiro para os dois personagens. Daniel é avisado pelo diretor da ONG que será afastado caso suas notas não melhorem. Mariana

	Daniel - Participa de um projeto de produção de vídeo em uma ONG, mas é ameaçado de ter que sair devido ao seu mau-desempenho na escola.	procura emprego em uma loja, mas não há vagas para menores de idade. Um dia Mariana e Daniel precisam fazer um trabalho em dupla e Mariana percebe que pode ser uma boa explicadora.
	Guilherme - Faz parte de um grupo de teatro e tem o apoio dos pais, mas sua mãe é chamada na escola por causa de suas constantes faltas.	Guilherme, além de ensaiar, trabalha no teatro à noite e por isso não consegue acordar para ir para a escola. A mãe de Guilherme conversa com o diretor do curso de teatro que oferece a ele uma bolsa para que não precise mais trabalhar.
Grupo II	Renata - Tem uma relação confusa em casa e quer ir morar com o namorado. É boa aluna e quer fazer vestibular para engenharia.	Renata vai morar com o namorado, mas começa a encontrar dificuldades para encontrá-lo, uma vez que precisa trabalhar para pagar as contas, além de estudar para a escola e no pré-vestibular. Ela decide voltar para a casa da mãe para poder ter mais tempo.

Tabela 3 - Personagens e tramas dos roteiros

5.2

Análise do posicionamento coletivo

Uma análise superficial dos discursos dos participantes nos permitiu observar quatro dimensões que atravessam a relação dos alunos com a escola e consequentemente interferem na elaboração de suas identidades de "alunos". Estas dimensões são as relativas às *expectativas a respeito do trabalho e do futuro*, à *família*, aos *fatores propriamente intraescolares* e aos *espaços extraescolares* de socialização. A partir destas categorias, analisamos os posicionamentos manifestados pelos participantes com relação aos temas, buscando perceber que discursos eram endossados, quais eram rejeitados, se alguma posição era criticada ou relativizada etc. Esta primeira análise considera o desenvolvimento dos discursos do grupo como um todo, possibilitando assim a compreensão do contexto microssocial em que os participantes elaboraram suas identidades individuais através de seus posicionamentos pessoais diante dos discursos que circularam no grupo.

Optamos por manter, na apresentação desta análise, a divisão dos grupos e a ordem das etapas da pesquisa, de forma a tentar ser fiel ao contexto em que os depoimentos surgiram. Deste modo, ao analisar cada categoria, primeiro apresentaremos as três etapas da pesquisa com o Grupo I, depois as etapas promovidas com o Grupo II e por fim exporemos uma conclusão dos posicionamentos dos dois grupos sobre o tema. A manutenção da sequência das etapas nos permite avaliar como os discursos dos alunos se alteraram ao longo da pesquisa e como foram influenciados pela interação entre eles e com a pesquisadora.

As categorias a partir das quais foram analisados os depoimentos são as seguintes:

Expectativas de trabalho e futuro: nesta categoria foram agrupados os depoimentos dos alunos que se referiam às suas opiniões e preocupações com relação ao ingresso no mundo do trabalho, tema a respeito do qual giraram quase todas as falas sobre seus planos de futuro. Foram incluídas nesta categoria depoimentos que versavam tanto sobre a formação profissional, quanto sobre o ofício laboral.

Família: depoimentos demonstraram que as relações familiares podem tanto incentivar disposições favoráveis à escola como provocar o desinteresse e o afastamento do aluno. Foram incluídas nesta categoria todas as referências feitas à família que apontassem para uma interferência desta na vida escolar.

Fatores intraescolares: entre os fatores que concorrem para a construção das identidades dos participantes como alunos, estão os ligados às relações intraescolares, que são aquelas que se estabelecem entre os próprios alunos e deles com os professores e com a instituição, representada por suas regras, suas dinâmicas de avaliação, suas práticas didáticas e os conteúdos das aulas. Foram incluídas nessa categoria referências às relações travadas no cotidiano escolar, além das avaliações dos alunos a respeito do papel da escola.

Espaços extraescolares de socialização: ao longo da pesquisa ficou demonstrada nos depoimentos dos participantes a relevância de processos de

aprendizagem externos à escola para a construção da identidade dos alunos. Nesta categoria foram enquadrados todas as atividades formativas exteriores à escola relatadas nas falas dos alunos, fossem elas relativas a relações com amigos, projetos de produção artística, cursos profissionalizantes ou experiências auto-didáticas.

5.2.1 Trabalho e futuro

5.2.1.1 Grupo I

Dentre os tópicos que guiaram a escrita da redação autobiográfica não havia nenhum que dissesse respeito, especificamente, à questão do trabalho. Entretanto, os depoimentos dos participantes sobre seus planos de futuro demonstraram que o tema fazia parte de suas expectativas, mesmo que de forma ainda pouco desenvolvida.

5.2.1.1.1 Redações

Das 3 redações do Grupo I analisadas na pesquisa, apenas na de Bel havia alguma indicação da profissão que gostaria de seguir. Sua opção por estudar música e artes cênicas no ensino superior é provavelmente influenciada pelas atividades que pratica fora da escola, em uma ONG:

[...] pretendo acabar logo os estudos me formar em música e artes cênicas (por enquanto) desejo um trabalho valorizado e que contribua para a sociedade de algum jeito. Quero uma vida melhor sem dúvida nenhuma. [Bel]

Ricardo, outro participante do grupo, não indicou uma carreira que pretende seguir, mas apontou valorizar em sua escolha a realização pessoal e a preocupação com outras pessoas ou com a sociedade, assim como Bel:

Meus planos para o futuro é continuar estudando, para eu me formar em algo que eu goste de fazer ou até algo que eu possa ajudar as pessoas. [Ricardo]

Em comum entre os dois há o fato de ambos não falarem do trabalho em si, mas da formação em determinada profissão. O trabalho em si parece estar ainda distante, pelo menos na forma como eles planejam. Veremos adiante, nas análises das etapas seguintes, que este adiamento do trabalho não se dá por completo, uma vez que a renda familiar não parece suficiente para financiar suas atividades e desejos materiais.

Rafael, o outro participante do grupo, não demonstrou preocupar-se com o tema do trabalho em sua redação. Seus planos para o futuro foram “comprar um violão novo e sair da seca”, seguindo o tom irônico presente em todo seu depoimento nessa etapa da pesquisa.

5.2.1.1.2 Elaboração do roteiro

Conforme descrito na metodologia, o roteiro elaborado coletivamente pelo Grupo I dizia respeito aos personagens de Daniel e Mariana. Durante o processo de elaboração do roteiro, o trabalho foi tema importante para a história de Mariana, que vivia o dilema de precisar trabalhar para contribuir com a renda familiar, mas querer se dedicar aos estudos para seguir a carreira de médica.

A primeira dificuldade colocada por eles foi a falta de oportunidades de trabalho na idade deles:

Pesquisadora – Onde é que ela vai arrumar emprego?

Juliana – No shopping.

Bel – MacDonald.

Juliana – MacDonald não, MacEscravo, pô!

Pesquisadora – Shopping com menos de 18 anos?

Bel – Menor aprendiz da C&A.

Juliana – Já enviei currículo, é muito difícil.

De acordo com os depoimentos, a inserção no mundo do trabalho significa uma ruptura, muitas vezes brusca, com atividades que marcaram a juventude, como os estudos ou a participação em projetos de produção cultural:

Pesquisadora – Vocês conhecem alguém que gostaria de fazer alguma coisa, teve que largar alguma coisa [para começar a trabalhar]?

Bel – Lá as minhas amigas são todas mais velhas e às vezes elas têm que largar mesmo o teatro para poder viver, né? Aí elas geralmente saem, que nem uma amiga minha, ela saiu da banda há pouco tempo, há duas semanas para trabalhar mesmo, porque não tava dando para ela conciliar tudo, mas é opção, né, tem que sair.

Juliana – Ah, eu conheço um menino que parou de estudar para trabalhar.

Ricardo – Meu irmão, ele parou de estudar, ele repetiu muitas vezes.

No entanto, a sociabilidade juvenil depende de financiamento que nem sempre pode ser provido pelos pais. Assim, de modo a conseguir gerar renda para garantir seus hábitos, alunos procuram fazer pequenos “bicos”, que não ocupem demasiadamente suas rotinas:

Juliana – Antes eu trabalhava, só que a minha vizinha não sabia mexer no computador, aí ela comprou um computador, aí toda semana ela me dava R\$20 e eu ficava ensinando para ela. Só que aí eu comecei a fazer remo e eu não podia mais dar aula pra ela, aí eu parei.

Bel – Sabe como é que eu ganhava dinheiro? Meu primo, o irmãozinho dele ia pra creche, aí eu ia buscar eles, saía do teatro e ia correndo, aí ia buscar eles, ficava em casa, deixava com a minha avó, aí eu ganhava R\$80 pra ficar com eles.

Pesquisadora – Ah, vocês estão falando várias formas de ganhar dinheiro que não são um emprego fixo, e a gente pode pensar numa solução para o caso da Mariana.

[...]

Juliana – É, mas aí sempre, essas coisas que a gente está falando aqui, aconteceu alguma coisa que a gente não pode continuar.

Bel – É, eu, por exemplo, foram os estudos, esse ano, se eu estivesse estudando de manhã, na minha rotina normal, eu até poderia ficar com eles, mas não, eu vim pra tarde, eu saio 6 horas da escola, não ia dar pra pegar eles, aí eu tive que largar.

Esses trabalhos não são vistos pelos alunos como um investimento para o futuro, mas como uma necessidade presente; o estudo continua sendo a prioridade

na opinião deles. Ricardo dá o exemplo do irmão que trabalhava como entregador e abandonou a escola depois de muitas reprovações, apesar da relutância da mãe. Ele, todavia, não concorda com a decisão do irmão, uma vez que para conseguir outro emprego ele vai precisar pelo menos do diploma do Ensino Médio:

Ricardo – Só que tinha que completar pelo menos, podia aguentar um pouco ainda... Porque emprego não vai durar para sempre, tem emprego aí que pede várias coisas, pede até curso de inglês.

Nesta fala, Ricardo ressalta a instabilidade vivida atualmente no mercado de trabalho ao afirmar que “emprego não vai durar pra sempre”. Este receio de ficar desempregado foi expresso por quase todos os alunos ao durante a pesquisa.

5.2.1.1.3 Entrevistas

Em sua entrevista, ao falar sobre seus planos de futuro, Ricardo diz que pretende continuar estudando para conhecer mais coisas e decidir por algo por que se interesse. Assim como demonstrou no roteiro, Ricardo expõe sua rejeição à decisão de alguns jovens de se satisfazerem com um emprego que lhes garanta uma renda no presente, da forma como fez seu irmão:

Ricardo – Eu tenho uns amigos que vão para a escola e que falam "ah, eu ainda estou pensando o que que eu vou fazer e tal, assim, ficam meio em dúvida, né, no que vai fazer, pode até perguntar pro pessoal aí, quase todo mundo não sabe muito, aí a única coisa que eles vão falar é: “ah, que”, tipo adolescente, eles vão querer trabalhar num lugarzinho assim que ganha pouco e também que dê pra vir pra escola, mas eu não, eu penso em continuar aqui e depois ir pra faculdade.

Já Bel, ao falar a respeito de algo que tenha mudado na forma dela agir ou pensar depois do processo da pesquisa, diz que se identificou com Mariana, uma vez que, assim como a personagem, ela também gostaria de começar a trabalhar:

Bel – [...] faz a gente ver que não é impossível a gente arrumar um trabalho na idade que a gente tem, que, mesmo sendo uma história, a gente conhece casos que acontecem de fato.

Bel – [...] eu quero mesmo ter um trabalho, assim, como a personagem da Mariana queria ter, quero ajudar meus pais, quero tudo isso sabe, porque é uma falta que me faz, eu querer ajudar. Não moro com meus pais, mas moro com a minha avó, então,

é maior pressão, às vezes eu quero sair e quero levar minha avó, mas eu não tenho dinheiro suficiente para ir eu e minha avó, mas é uma coisa que tem muito a ver no texto comigo é isso, eu acho que muda dessa forma, a forma de pensar porque a partir do momento que a gente construiu uma personagem através da, com base na nossa vida, faz parte, né, do nosso ser, dentro.

O depoimento de Bel expõe que, apesar de ela afirmar que quer seguir no Ensino Superior, isto não significa que, como Ricardo, renegue a possibilidade de trabalhar ainda durante o Ensino Médio, uma vez que isto se faça necessário na sua vida em função da situação financeira de sua família.

Na entrevista, ao falar sobre as mudanças em seus planos de futuro depois do processo de pesquisa, Rafael fala pela primeira vez sobre suas expectativas em relação ao trabalho:

Rafael – A escola aqui é uma coisa que a gente gasta nela, mas no futuro ela fornecerá algo para a gente. Dependendo da escola que a gente escolhe para poder estudar e dependendo de nós para poder estudar, a gente pode conseguir uma boa bolsa assim de faculdade ou então um bom emprego e na própria faculdade a gente consegue um estágio, eu estou querendo um estágio numa faculdade, eu só não sei de que ainda.

Possivelmente influenciado pela discussão e também pela própria formalidade da situação de entrevista, Rafael adota um tom bem mais sério e responsável na última etapa da pesquisa, reiterando o discurso da importância da escola para a garantia de um bom emprego ou do ingresso na universidade.

5.2.1.2 Grupo II

5.2.1.2.1 Redações

Dentre as redações do Grupo II também houve referências ao tema do trabalho quando os participantes falavam de seus planos de futuro. Das 6 redações analisadas desse grupo, apenas nas de Gabriela e Cristina, havia indicação das carreiras que pensavam em seguir:

Estou pensando em me formar em arquitetura, pois gosto de decorar ambientes, sou criativa e acho que tem muito a ver comigo. Estou à procura de emprego no momento e quero fazer vestibular no ano que vem ou no próximo. [Gabriela]

A escola é tudo para uma pessoa, considero-a como a base para um futuro brilhante, assim vejo-a na minha família, sei que através dela conseguirei tornar-me uma engenheira de petróleo e que terei uma vida bem sucedida. [Cristina]

Mas, se por um lado Gabriela baseava seus planos em suas preferências pessoais e aptidões, Cristina valorizava o sucesso profissional e, aparentemente, a estabilidade financeira. De todos os participantes da pesquisa, Cristina foi a única a dizer que queria ser profissional de alguma área, enquanto os demais afirmavam querer se formar em alguma profissão. Uma explicação para isso talvez seja o fato de ela ter proximidade com profissionais da área no curso de que faz parte na PUC, o que certamente influenciou sua decisão.

A estabilidade e o sucesso financeiros também foram citados por Diego como condições importantes para a escolha de sua ocupação futura:

Meus planos são de entrar em uma boa faculdade, ter um emprego que me dê estabilidade financeira e conforto. [Diego]

A faculdade também está entre os planos de Diego, assim como também foi demonstrado pela maioria dos participantes da pesquisa – 7 entre 9 redações, somados os dois grupos:

Não sei exatamente no que vou querer me formar, mas já tenho idéias. [Letícia]

Pretendo trabalhar, se possível fazer faculdade, ter um cachorro, hahaha, continuar jogando vôlei, arranjar uma pessoa bacana e ser feliz. [Carolina]

Dentre as redações dos dois grupos, apenas Carolina falou de trabalho de forma desvinculada da formação no Ensino Superior, os planos de que falou na redação estão ainda bastante ligados ao presente.

5.2.1.2.2 Elaboração do roteiro

Na discussão para elaboração do roteiro do Grupo II, a relação dos jovens com o trabalho foi bastante discutida durante a criação da trama do personagem Guilherme, menino que se dedicava ao curso de teatro, mas que não ia muito bem na escola. A história deste personagem os fez discutirem sobre o dilema de decidir

entre o investimento imediato no trabalho ou na educação para a garantia de estabilidade profissional futura.

Todos os participantes da discussão manifestaram uma tendência a acreditar que a educação formal é uma forma de garantir a empregabilidade futura. Durante o debate, no entanto, alguns alunos foram mais irredutíveis que outros nesta posição:

[participantes comentavam de um menino do colégio cuja vida parecia com a do personagem Guilherme]

Pesquisadora – Mas alguém conhece ele? Vocês sabem o que ele pensa, o que ele tentou fazer?

Matheus – Ah, ele idealiza ser ator, mas ele, tipo assim, não é que ele não estudava, é que ele dava mais foco à carreira de ator dele, mas ele não ia ser porque ele não estudava.

Gabriela – Ele fez algumas participações em algumas coisas...

Matheus – [irônico] É, no *Pânico*.

Carolina – Eu falei com o irmão dele hoje e ele me falou que ele é diretor de alguma coisa lá no Teatro Leblon. Ele está, sabe, ele busca isso com vontade.

Gabriela e Carolina não demonstram estar tão certas quanto Matheus de que o colega de escola não possa seguir adiante na carreira de ator sem que vá bem na escola:

Pesquisadora – Todo mundo concorda com isso, que se ele não estudar não vai chegar a lugar nenhum?

Matheus – O normal é que ele não chegue.

Carolina – Se ele ficar só na carreira de ator, acho que dá para ele ir indo.

Matheus – Ah, tudo indica que ele não vai chegar, mas se ele for ser jogador de futebol... Se ele for mudar de carreira, sei lá.

[...]

Gabriela – Mas eu acho que é importante, vai que não dá certo, acaba a oportunidade para ele, ele vai precisar se manter de algum jeito e aí que ele vai se dar conta de que precisa.

Se para Matheus é provável que ele não chegue a lugar algum sem estudar, Carolina acredita que “dá para ele ir indo”. Gabriela, por outro lado, contemporiza, e levanta a questão da garantia de futuro, pois se não é impossível que ele consiga seguir como ator sem terminar os estudos, é provável também que um dia ele precise recorrer a outro emprego que demande maior qualificação.

A ideia de “ir indo”, conforme defende Carolina, parece bastante coerente com a lógica da experimentação própria da juventude contemporânea de que falam Pais (1990) e Dayrell (2007). Carolina não descarta a possibilidade de que seja possível viver sob esta lógica, enquanto o restante do grupo se preocupa mais com a estabilidade futura.

Mais adiante na discussão Letícia se manifesta concordando com Gabriela a respeito da necessidade de um diploma como uma forma de garantir o trabalho no futuro:

Letícia – Acho que, igual ela comentou, pode surgir a oportunidade e ele embarcar nessa carreira e tudo, mas vai chegar um ponto que ele já não vai poder só depender dessa carreira, ele vai ter necessidade de depender de outras coisas, ele vai sentir falta dos estudos, de alguma maneira, para recorrer.

Gabriela – E porque ele vai perceber que não tem nada... sem trabalho...

Matheus – Porque fama tem começo, meio e fim, ele no meio da fama dele percebeu que ele podia ter tido uma formação melhor quando estudava na escola.

Letícia, Gabriela e Matheus concordam que a profissão de ator, sem o aporte dos estudos, é muito instável e não vai garantir uma renda por toda a vida. É importante ressaltar que durante toda a discussão não houve comparações entre empregos bem-pagos ou mal-pagos, todas as preocupações estiveram em torno da tensão entre o prazer imediato e a garantia futura. No trecho seguinte, em que eles discutem uma solução para o problema do personagem, fica bastante clara essa tensão:

Letícia – Não necessariamente ele pensa em uma solução para a coisa da escola, a gente pode mostrar que mesmo todo mundo apoiando, fazendo com que ele continuasse seguindo o sonho dele e ajudasse na casa dele, ele nunca ia abandonar o teatro para dar preferência para a escola.

Matheus – Ele pensava no futuro e não pensava no futuro dele, porque ele não sabia quando ele ia precisar do estudo...

Letícia – Ele pensava no presente, na verdade.

Matheus – É, ele pensava no presente e no futuro. Ele pensava “ah! amanhã eu posso conseguir uma peça, depois de amanhã eu vou ser ator, depois de amanhã eu vou fazer novela”, mas na segunda-feira ele não sabia se ele ia ter um emprego.

Letícia descreve o teatro como um sonho de Guilherme, palavra que, se por um lado denota o prazer, por outro carrega o sentido de algo que é pouco provável de se tornar realidade.

O outro personagem discutido pelo grupo foi o de Renata, menina que quer sair da casa dos pais para morar com o namorado e pretende fazer faculdade de engenharia, e para conseguir realizar esses dois desejos vai ter que conciliar o trabalho com os estudos. A questão que se coloca no caso dela com relação ao trabalho é o fato de este ocupar demais seu tempo e impedi-la de aproveitar a vida ao lado do namorado.

Comparando a situação de Renata com a de Guilherme os participantes voltam a falar da importância da escola para o futuro:

Letícia – Tipo assim, mostra que mesmo com todos os problemas dela, ela ainda continua tendo um objetivo na escola, e ele não, mesmo ele gostando do teatro, ele foge dessa responsabilidade dele.

Pesquisadora – É, isso é um momento dele, justamente, isso pode mudar, ele pode tomar outra rumo, pode acontecer como ela [Gabriela] falou, ele pode vir a perceber que precisa da escola depois.

Matheus – No começo ele, no caso, foca mais no trabalho e ela foca mais na escola...

Letícia – ... pra ter o trabalho depois.

Gabriela – Um vai investir primeiro no estudo enquanto o outro no trabalho.

Letícia – Ele está querendo resultado ali agora.

Se, para Renata, o trabalho não é uma escolha, mas uma condição para a emancipação familiar, no caso de Guilherme ele é vivido como experiência que lhe dá prazer imediato.

Em geral, entre os participantes dessa discussão, havia uma notável valorização da escola em seu sentido prospectivo, isto é, como obrigação do jovem que lhe garantirá uma vida melhor no futuro. Na primeira fala de Letícia no trecho transcrito acima, por exemplo, isto fica mais claro quando ela diz que

Guilherme está fugindo de sua responsabilidade enquanto Renata continua tendo um objetivo na escola. Para ela, portanto, é responsabilidade do jovem obter sucesso na escola para garantir o emprego futuro, reiterando assim o discurso da juventude como período de moratória do trabalho.

Gabriela, por sua vez, se refere a ambos, trabalho e estudo, como investimentos, relativizando a posição dessas atividades na hierarquia das obrigações juvenis. Esta opinião seria confirmada ao final da discussão, quando ela fala de sua opção pessoal de começar a trabalhar logo após o término do Ensino Médio e só depois ingressar na universidade.

Se nos trechos já citados Letícia refere-se ao trabalho no teatro como sonho e à escola como responsabilidade da qual o personagem Guilherme foge, em momento posterior da discussão ela parece buscar compreender, por meio de outros argumentos, os motivos do afastamento dele em relação à escola:

Letícia – Mas é assim, dessas coisas que surge o desinteresse pela escola, você começa a faltar um dia por causa daquilo, seu objetivo agora é o teatro, você acaba perdendo uma aula ou outra, isso ali acaba te deixando desinteressado.

Letícia admite, portanto, que, se sob determinada perspectiva a profissão de ator pode ser entendida como um sonho, uma fantasia; sob outra, possivelmente a de Guilherme, pode ser um objetivo, que demanda investimento e responsabilidade. Nessa hipótese construída por Letícia, a educação, por sua vez, perde sua condição de obrigação inquestionável ao se tornar passível de desinteresse.

Na história de Renata, o trabalho, necessário para a realização do desejo de ir morar com o namorado, foi representado pelos participantes como obstáculo para o prazer, uma vez que a impedia de ter tempo livre para vê-lo com mais frequência, como planejava:

Letícia – Só pelo fato dela não conseguir conciliar o trabalho, o estudo e a obrigação dela em casa não vai fazer com que ela também desista disso tudo, dependendo até da criação dela, entendeu, a gente pode falar sobre isso, ela não foi criada, não tava adaptada a esse mundo.

[...]

Matheus – Gente, ela vai se tornar uma verdadeira empregada, ela vai sair da casa da mãe pra virar Amélia. Ah, é verdade gente, porque, se ela não fizer, quem vai fazer?

Letícia – Talvez fosse melhor do jeito que estava antes.

Por fim, eles decidem que Renata voltaria para a casa da mãe uma vez que, apesar de não morar com o namorado, teria mais tempo livre para passar com ele, pois não precisaria trabalhar. Os alunos reiteram, portanto, que não consideram o trabalho como uma obrigação natural dos jovens, pelo contrário, acreditam que, salvo em casos de necessidade de ajudar na renda familiar, o trabalho deve ser evitado, pois atrapalha o investimento escolar.

Outra questão colocada em relação ao trabalho nessa discussão foi a da idade:

Matheus – Quantos anos ele tem? Tem 17? Não gente, século XXI, nenhuma pessoa em são consciência vai contratar, vamos supor, uma empresa...

Diego – Jovem aprendiz!

Matheus – É, tem que ser jovem aprendiz.

Esta questão, que foi bastante importante para a discussão do roteiro do outro grupo de alunos, mostra como é naturalizada a concepção de que o trabalho não deve fazer parte da vida juvenil e, caso seja, é preciso que esteja associado a uma atividade de formação, como no exemplo do “jovem aprendiz”, citado pelos dois grupos.

5.2.1.2.3 Entrevistas

Nas entrevistas, ao falarem de seus planos de futuro, quase todos os alunos citaram profissões que gostariam de seguir, com exceção de Gabriela que já havia falado sobre o assunto na redação.

Cristina reiterou seu desejo de se formar em Engenharia de Petróleo e Gás e falou da necessidade de dedicação para alcançar este objetivo.

Letícia falou de seu interesse pela profissão de biotecnóloga, influenciada por uma prima que seguia essa carreira antes de falecer ainda jovem. Diz que tem

pesquisado por conta própria e que já sabe inclusive em que faculdade gostaria de ingressar.

Diego disse que ainda está em dúvida, mas que pretende seguir biologia ou desenho industrial, enquanto Matheus falou do desejo de ser fotógrafo.

Carolina disse que, desde pequena, gostaria de ser médica, mas que sabe que é difícil ingressar neste curso, e que não sabe ainda o que vai querer seguir.

Com relação a começar a trabalhar agora, Carolina afirmou que havia conseguido um emprego e que preferiu não aceitar porque precisaria abandoná-lo para viajar nas férias com a família, mas pretende trabalhar ainda neste ano caso não faça curso pré-vestibular.

Ao falarem se o processo de pesquisa os fez pensarem em alguma coisa sobre suas vidas, Diego e Matheus ressaltaram a importância de se preparar para o futuro:

Diego – Deu pra pensar bastante que eu não posso tomar atitudes precipitadas e de repente deixar o futuro que é certo pra mim por um outro que talvez não vai dar certo, que eu tenho que repensar mais nos meus atos antes de agir que eu posso acabar com os meus planos de futuro.

Matheus – É, é verdade, fez eu me incentivar ainda mais a estudar, porque, como eu sei que a escola é primordial, mas... eu preciso dela, mas se... tipo assim, que que tem a ver fotografia com a escola, não tenho aula de fotografia, mas... vamos supor que um dia eu deixe de ser fotógrafo, o que eu aprendi eu vou saber pra vida toda e vou usar aquilo pro que eu precisar.

Ambos valorizaram a garantia de um futuro que “dê certo” em detrimento da experimentação das possibilidades, em consonância com o discurso que deu o tom da discussão para a elaboração do roteiro dos personagens de Guilherme e Renata.

5.2.1.3 Conclusões parciais sobre a dimensão das expectativas de trabalho e futuro

Nas redações, o tema do trabalho esteve ligado aos planos dos participantes para o futuro, isto é, àquilo que eles desejam para si mesmos. Já na elaboração do roteiro, é interessante observar como os posicionamentos dos alunos com relação

ao tema mudaram, uma vez que eles falavam de situações concretas de outros personagens, que não eles próprios.

Se nas redações foram privilegiadas as referências a uma profissão almejada, uma ocupação que os identificasse como indivíduos, no roteiro as preocupações com o trabalho tiveram maior pressão da realidade do contexto em que atuavam os personagens, forçando que os alunos falassem de seus conflitos e opiniões atuais a respeito do tema.

O fato de apenas uma aluna ter falado espontaneamente na redação sobre a possibilidade de começar a trabalhar somente para ganhar dinheiro, de forma independente da profissão que pretende seguir no futuro, mostra que, pelo menos para o personagem que constroem de si mesmos, o trabalho está ainda distante, posição que reforça a afirmação de que o adiamento do ingresso no mundo do trabalho como uma característica da juventude contemporânea, de que falam Pais (1990) e Lopes (1996).

No entanto, na discussão para a elaboração do roteiro foi possível observar que este discurso é relativizado no momento em que, para a elaboração do roteiro, é necessária a reflexão sobre as tomadas de decisão na vida prática, uma vez que os constrangimentos estruturais, especialmente econômicos, se impõem mais claramente neste contexto do que no ato de escrita de uma redação autobiográfica. Desta forma, ficou demonstrado que a maioria dos participantes da pesquisa vive sob o conflito de desejarem seguir no Ensino Superior, mas não poderem (ou quererem) prescindir do trabalho, como adiantou Dayrell (2007). Segundo este autor, a maior parte dos jovens brasileiros não pode usufruir da moratória do trabalho que caracteriza boa parte da juventude européia. A fim de garantir recursos para as práticas caracteristicamente juvenis de consumo, os jovens brasileiros precisam empreender maior esforço para conciliar o trabalho com os estudos (*op.cit.*), mesmo que este trabalho não lhes garanta a estabilidade futura que desejam.

Com base nos depoimentos para a pesquisa e nas conversas informais que tivemos, podemos inferir que esses alunos pertencem a um extrato social de transição, que não pretende abrir mão de qualificações profissionais, mas também não pode adiar a vida produtiva sem que haja grande sacrifício familiar. Assim, a lógica da experimentação própria da juventude atual de que fala Pais (1990) não pode ser vivida por completo, visto que, se não pode ser assegurada pela família,

acaba por pressionar que estes sujeitos criem suas estratégias de forma a garanti-la, o que inclui os pequenos trabalhos temporários, como muitos citaram ao longo da pesquisa.

Outro fator que expôs o lugar relativo da suposta lógica juvenil da “experimentação” na vida prática destes alunos foi a preocupação demonstrada por grande parte deles, sobretudo na segunda etapa da pesquisa, com relação à estabilidade financeira futura. Ao longo do processo os depoimentos oscilaram entre a valorização da satisfação pessoal imediata ou da garantia de uma vida melhor no futuro, representada principalmente pela dedicação à obtenção de qualificações por meio da educação formal. A possibilidade de abandono do Ensino Médio em favor de alguma atividade exercida paralelamente, mesmo que remunerada – como foi o caso do personagem de Guilherme (Grupo II) que trabalhava no teatro ou o caso citado por Ricardo do irmão dele que largou a escola para trabalhar como entregador – foi rejeitada por todos os alunos, que defenderam reiteradamente ao longo da pesquisa a importância da escola para alcançar “uma vida melhor”.

5.2.2 Família

5.2.2.1 Grupo I

5.2.2.1.1 Redações

Nas redações dos participantes do Grupo I, o tema da família não foi muito desenvolvido, apenas citado quando o tópico pedia que descrevessem com quem eles moravam.

5.2.2.1.2 Elaboração do roteiro

Na tentativa de compreender o personagem de Guilherme, Juliana sugere que ele seja “uma pessoa rebelde, que não quer nada com a escola”, mas ao analisar mais profundamente a história do personagem, ela e Ricardo sugerem que

o motivo de sua rebeldia possa ser o fato de ele ter problemas em casa, com a família:

Ricardo – Ah, se ele é rebelde, ele tem que... sei lá, tem alguma coisa com ele, tipo, se ele é rebelde tem alguma coisa com ele.

Pesquisadora – Como assim?

Ricardo – Sei lá, algum problema assim.

Juliana – Em casa... Sempre que uma pessoa tem problema em casa, ela prefere ficar mais tempo longe de casa... Mas aí no caso a pessoa iria acabar vindo pra escola, tem gente que fica na escola atééé, de noite...

Pesquisadora – É, ou não, né? Você [se referindo à Bel] que faz parte de um programa de...

Bel - ... acho que a ideia dos pais é legal porque é tudo o que acontece, mas, não sei gente, porque tipo assim, o pai pode, sei lá, espancamento... e ele não poder fazer nada. Acho que isso rebela muito a pessoa. Acho que isso seria uma situação.

Francisco – Os pais seriam alcoólatras?

Rafael – Ao invés dele sofrer conflitos na rua para tentar arranjar um emprego e estudar novamente no primeiro ano, ele tem conflitos familiares.

[...]

Rafael – Quais são os conflitos familiares?

Bel – O pai violenta a mãe.

Rafael – O pai é um desempregado, que não faz nada da vida, só vê televisão, a mãe trabalha.

Juliana – Gente, o que que vai ser dessa família?

Rafael – A mãe trabalha.

Juliana – Coitada da mulher, ai, vocês querem acabar com a vida da mulher.

Rafael – Muitas vezes é assim.

Todos os participantes da discussão concordam que a violência familiar é um motivo relevante e usual para a rebeldia de um jovem, o que evidencia mais uma vez a íntima relação entre as instituições familiar e escolar. Se por um lado, em outros exemplos dados pelos participantes, os pais são os maiores incentivadores da dedicação exclusiva à escola, os alunos concordam que laços familiares marcados pela violência ou pela instabilidade podem acarretar em um

desinteresse pela educação formal. Na situação criada por eles, o motivo para o desinteresse de Daniel pela escola não é, necessariamente, a falta de incentivo familiar, mas a falta de estabilidade emocional no contexto doméstico, que parece um tema ainda pouco explorado pelos estudos da relação entre a juventude e a escola.

Uma conclusão com relação a todos os participantes da oficina de roteiro foi o fato de que nenhum deles expressou sofrer pressões familiares para começar a trabalhar para ajudar em casa. Pelo contrário, a maioria deles demonstrou que gostaria de trabalhar para poder arcar com suas despesas com lazer:

Pesquisadora – Alguém tem alguma pressão em casa para começar a trabalhar?

Juliana – Não, minha mãe não quer que eu trabalhe, mas eu quero trabalhar.

Bel – Também sou assim.

[...]

Bel – Mas eu, a minha avó, tipo assim, eu falo que eu quero trabalhar, já faço drama, e ela fala: 'você quer emprego pra que, Bel? Você não consegue nem estudar, fazer teatro, tudo ao mesmo tempo', porque minha vida já é uma correria.

A necessidade de ajudar nas despesas domésticas não foi um motivo a que a maioria dos participantes tenha se referido ao longo da discussão, apesar de ser uma questão presente na história da personagem Mariana. Apenas Bel demonstrou esse tipo de preocupação, apesar de ter expressado que sua avó, por quem foi criada, incentiva que ele se dedique aos estudos e às atividades complementares que frequenta:

Bel – Aí eu sinto que eu vou ter que ajudar a minha avó mesmo, por isso que eu tenho uma luta de procurar mesmo um emprego e querer fazer as coisas, porque ela sozinha, com um salário mínimo pra me sustentar e tem meus primos também [...] Na minha banda lá, a gente faz apresentações e conforme ganha R\$250 numa noite [...] aí, tipo, eu tenho que dividir pra ela[...]

5.2.2.1.3 Entrevistas

Na entrevista, Bel, se comparando à personagem de Mariana que precisava trabalhar para complementar a renda familiar, falou novamente da vontade de ajudar a avó com as despesas da casa:

Bel – Não moro com meus pais, mas moro com a minha avó, então, é maior pressão, às vezes eu quero sair e quero levar minha avó, mas eu não tenho dinheiro suficiente para ir eu e minha avó, mas é uma coisa que tem muito a ver no texto comigo é isso [...]

Já Rafael, ao falar na entrevista de sua identificação com os personagens do roteiro falou de alguns problemas familiares, especialmente com o pai que sofre de dependência de álcool, mas não os relacionou diretamente com seu desempenho na escola. Sua identificação com esta questão se fez clara durante a discussão para a elaboração do roteiro, quando ele sugeria uma descrição sempre cheia de detalhes para a situação do personagem de Daniel, que supostamente viveria problemas semelhantes ao dele, o que justificava sua rebeldia.

5.2.2.2 Grupo II

5.2.2.2.1 Redações

As duas redações em que o tema da família foi desenvolvido foram as de Letícia e Gabriela, integrantes do Grupo II.

Letícia dedicou metade da sua redação falando de sua relação com os pais e com o namorado, ressaltando a importância deles em sua formação como pessoa:

Meu relacionamento com minha mãe é mais prático, nós somos muito amigas, ela sabe tudo que eu faço, que penso e acho isso muito bom, pois me sinto a vontade para pedir qualquer ajuda a ela. Eu namoro, meu namorado tem 18 anos e é fuzileiro naval, o Mike é uma benção na minha vida, pois sou evangélica e andava muito afastada de Deus e ele me ajudou a me reaproximar, além de tudo é um ótimo músico, canta, toca bateria e violão muito bem. [Letícia]

Já Gabriela, refere-se à sua família, na redação, como um obstáculo que precisa superar para seguir sua vida da forma como planeja, posição que ficou mais clara ao longo do processo da pesquisa:

Desde pequena luto em busca do meu espaço e da minha liberdade. Por que onde moro é bem sufocante. Eu tento manter o equilíbrio e saber focalizar o que é realmente importante na minha vida. [Gabriela]

5.2.2.2.2 *Elaboração do roteiro*

Na discussão para elaboração do roteiro do Grupo II, a relação dos jovens com a família foi questão importante para a construção da trama da personagem Renata. Sua vontade de ir morar com o namorado e emancipar-se da família ia de encontro aos seus anseios de prosseguir os estudos no Ensino Superior.

Pesquisadora – Vocês conhecem alguma história parecida com a da Renata?

Gabriela – Têm muitas pessoas que pensam em sair de casa e morar com o namorado.

Matheus – Eu conheço [??] só que ela não está no terceiro ano, está no primeiro, ela repetiu.

Letícia – Ah, na nossa sala tem a [??], ela tem 17 anos, casou e foi morar com o namorado. E agora ela está morando com a sogra e o namorado e ela tem um conflito assim na casa dela, uns problemas com a mãe dela.

Os relatos de pessoas que os participantes conheceram que optaram por deixar a casa dos pais ainda no Ensino Médio não são positivos. Se no exemplo citado por Matheus esta opção pode ter causado a repetência, no de Letícia a saída da casa dos pais não significou a emancipação da família, uma vez que a menina foi morar com a mãe do namorado. Em uma de suas muitas intervenções na discussão, Gabriela cita a falta de tranquilidade e conforto como um possível motivo para a opção de Renata por sair de casa, mas pondera que seria muito difícil dar conta de todas as novas obrigações sozinha:

Gabriela – De repente ela tinha alguma, sei lá, é confuso lá na casa dela e que não tava dando mais, que tinham os irmãos, tinha a família e não estava tão confortável ali, queria morar com o namorado dela, mas aí ela pensou: para ela morar com o namorado ela teria que trabalhar porque teria que dar conta da casa, se manter e não ia dar pra, ia ficar muito ruim pra ela.

Discutindo sobre a possível reação da mãe do personagem Guilherme ao saber que ele está indo mal na escola por se dedicar ao curso de teatro, os participantes do Grupo II falaram brevemente do investimento familiar nos estudos:

[discutindo sobre a reação da mãe de Guilherme ao saber que ele está indo mal na escola]

Pesquisadora – E aí, o que ela faz com ele?

Matheus – Mete a porrada!

Cristina – Ah, ela dá um esporro.

Diego – Ela obriga ele a sair do curso pra trabalhar.

Gabriela – Não, ela fala que ela, como toda mãe, espera que o filho estude.

5.2.2.2.3 Entrevistas

O tema da dificuldade de emancipação da família, que foi levantado na discussão da trama da personagem Renata, foi citado nas entrevistas de duas participantes do Grupo II, que disseram ter se identificado com a história da menina que foi morar com o namorado, mas encontrou dificuldades com a administração do tempo livre na nova rotina:

Cristina – É, bem, no caso da garota que ela queria morar sozinha, aí eu pensei um pouco, se eu for morar sozinha eu vou ter que cuidar do apartamento, vou ter que me manter e eu morando com a minha mãe não vou ter que me manter e não vou precisar pagar aluguel nem nada, e aí eu pensei que seria até melhor, posso até trabalhar, mas ficar com a minha mãe e depois, quando eu estiver com a condição melhor, comprar meu apartamento.

Carolina - Ai eu pensei nessa história também, que eu já pensei uma vez, tipo assim, não é nem um namoro não, mas eu já pensei em sair de casa, mas aí percebi como é difícil, tem que trabalhar, fazer as coisas, aí eu vi que tem mais lado negativo do que positivo.

Já Gabriela, voltou a falar de suas dificuldades de convivência com a família, ao ser incentivada a explicar melhor o que havia falado na redação sobre o assunto:

Gabriela - Ah, porque a minha avó é sempre aquela pessoa bondosa com todo mundo, mas dentro de casa é muita gente, opiniões diferentes, um quer ver televisão, o outro quer desligar, a gente não consegue entrar num acordo, é muita confusão sabe, eu acho que é um lugar pequeno pra muita pessoa. Mas por incrível que pareça essa família é muito unida ao mesmo tempo, ninguém consegue se separar. Apesar de todos os problemas ela é muito unida.

Pesquisadora - E você no meio disso?

Gabriela - Ah, eu fui criada desde pequena lá, com as minhas tias e eu me sinto bastante amada, [???] mas eu sei que não são meu pai, nem minha mãe e eu não quero ficar dependente deles, eu quero viver minha vida.

Se na redação Gabriela demonstrou certa rejeição com relação à sua família, na entrevista ela ponderou suas críticas, talvez influenciada pela discussão do roteiro que exaltou a importância da família para garantir uma base para os estudos. Apesar de falar dos problemas, Gabriela ressalta qualidades como a união e o fato de se sentir amada por seus familiares, mas ainda assim ela fala de sua vontade de se emancipar de se tornar independente deles.

5.2.2.3 Conclusões parciais sobre a dimensão da família

Ao longo do processo da pesquisa empírica, especialmente nas discussões para elaboração do roteiro, a família foi descrita como fundamental para a garantia das condições necessárias para a dedicação aos estudos como forma de permitir a mobilidade social. Em geral, os alunos afirmaram que os pais costumam incentivar que os filhos invistam na educação, pelo menos até o fim do Ensino Médio, e tentam evitar que eles comecem a trabalhar, visto que atrapalharia seus planos de ascensão. As escolas públicas brasileiras, salvo raras exceções, atendem às classes menos favorecidas da população, o que torna o objetivo da formação, um desafio maior, uma vez que tradicionalmente essa parcela das crianças e jovens apresentava menor incentivo familiar para a permanência na escola. O que pudemos concluir a partir dos depoimentos dos alunos é que, em consonância com o que observou Abrantes (2003) em Portugal, o baixo nível sócio-econômico familiar não determina mais tão diretamente uma indisposição frente à cultura escolar. Segundo Abrantes, o que se vê hoje é que:

[...] em vez de dois grupos opostos, esta realidade parece dar origem a um continuum de disposições. Além disso, a correspondência com as classes sociais está longe de ser uma determinação: observaram-se diversos casos de jovens provenientes de famílias com poucos recursos econômicos e culturais que não só vão permanecendo na escola (impulsionados por ambições e sonhos, mas também pelo fechamento do mercado de trabalho), como se revelam perfeitamente integrados no espaço escolar e obtêm boas classificações. [...] Por outro lado, alguns jovens das classes qualificadas, desencantados com a escola, preferem investir em atividades fora do espaço escolar, obtendo resultados escolares suficientes ou medíocres. (*op. cit.*, p.102)

Os depoimentos demonstraram que as famílias dos alunos participantes dessa pesquisa são muito favoráveis à educação escolar e, além disso, apóiam também outros tipos de atividades, culturais ou profissionalizantes.

Outro assunto que se fez presente nos depoimentos dos alunos foi o do desejo de emancipação da família, que foi citado em todas as etapas da pesquisa. Enquanto nas redações a emancipação era representada como algo que eles almejavam e por que iriam se esforçar para buscar, na elaboração do roteiro, especialmente do Grupo II, foram levantadas as dificuldades de alcançar essa liberdade nos dias atuais. A tensão entre a vontade de sair da casa dos pais e o desejo de conquistar maiores qualificações, o que acaba por exigir o adiamento do ingresso no mercado de trabalho, esteve presente em muitas falas dos alunos, que ao final da discussão, optaram por permanecer com a família para garantir o conforto. Os depoimentos de Gabriela demonstraram mais claramente que os “estatutos intermédios entre a condição filial e a condição familiar”, de que fala Lopes (1996), não surgem livres de conflitos, uma vez que exigem a adaptação de todo o ambiente familiar.

Foi possível observar que o tema da família é presente dentre as preocupações dos alunos, mas o fato de ser carregado de emotividade e intimidade parece ter sido motivo para que não tenha sido muito aprofundado em seus depoimentos. Nas redações de Letícia e Gabriela ficou claro o peso que têm as relações familiares na formação pessoal de ambas, apesar das opiniões bastante diferentes. Já com relação aos depoimentos de Rafael, foi interessante perceber como a intimidade cultivada entre a pesquisadora e os participantes da pesquisa, permitiu que na última etapa ele falasse de um assunto bastante pessoal a respeito de sua família, que visivelmente o preocupava e era importante para sua formação.

Desta forma, concluímos que a relação entre família e escola não diz respeito apenas aos investimentos familiares nos estudos dos filhos, mas também ao tipo de relação que se estabelece no lar, que pode incentivar ou desencorajar o envolvimento do aluno com a escola. Analisar estas relações mais sutis, no entanto, exigiria uma abordagem mais sofisticada, fora do alcance desta pesquisa.

5.2.3 Fatores intraescolares

5.2.3.1 Grupo I

5.2.3.1.1 Redações

Nas três redações do Grupo I analisadas estiveram presentes manifestações de desinteresse ou desânimo em relação à escola, especialmente no que tange à necessidade de estudar o conteúdo:

Na escola eu sou normal como muitas adolescentes na minha idade que não gosta de estudar porém estuda. [Bel]

Na escola eu não sou um bom aluno, por notas eu sou péssimo, mas por comportamento eu sou bom. Não ligo muito em aprender porque eu acho que já perdi o ano todo, só faltando por problemas pessoais. [Ricardo]

Bel associa esse desinteresse a uma característica comum a muitos adolescentes, dirigindo a eles a responsabilidade por interessar-se. Da mesma forma, Ricardo confere a fatores externos à escola o motivo para seu desânimo diante dos conteúdos e demonstra que seu interesse por eles é extrínseco, ligado à necessidade de passar de ano.

Já Rafael mantém em toda sua redação um discurso bastante negativo em relação à escola, parecendo até mesmo irônico muitas vezes, como nos seguintes trechos:

Sim, tenho uma aula em especial, a de física, a aula em que o professor não faz nada. [Rafael]

A escola pode contribuir pro meu futuro se eles pararem de mandar trabalho para a xerox, pois a grana que eu gasto lá me falta pro pão no dia seguinte. [Rafael]

A repulsa à escola demonstrada em seu texto não se converte, no entanto, em uma crítica formal. Sua resposta ao descompasso entre suas vontades e as exigências escolares vem sob a forma da brincadeira, como maneira de não corresponder à postura esperada de um aluno:

Pô, meu jeito na escola é não estudar, é só brincar, sempre fui assim. [Rafael]

Já Ricardo, apesar de não associar seu mau-desempenho a algum problema da escola ou à inadequação dos conteúdos aos seus interesses pessoais, mas a fatores externos a ela, propõe sugestões para tornar as aulas mais próximas dos desejos e necessidades dos alunos:

Na minha opinião, a escola poderia ter mais oficinas, não só para sair um pouco da rotina e para aprender mais, mas para as pessoas terem uma noção sobre o que vão fazer no futuro, até mesmo ter idéias para criar algo que dê algo de bom futuramente. [Ricardo]

Ricardo não se opõe à escola enquanto instituição, pelo contrário, demonstra preocupar-se com seu fraco desempenho nas provas e se sente responsável por ele:

Nunca fui bem na escola, mas conforme os anos foram se passando, eu fui piorando, mas espero melhorar no próximo ano. [Ricardo]

A crítica de Ricardo à escola refere-se às suas relações interpessoais no interior dela como deixou claro em todas as etapas da pesquisa. Em sua redação Ricardo falou especialmente de seus problemas de convivência com outros alunos, demonstrando sentir-se rejeitado devido a sua aparência.¹

Acordo todo dia um pouco tarde para chegar um pouco cedo na escola, porque eu não gosto muito de chegar na escola e todos ficam me olhando como se eu fosse um monstro. Tomo banho, almoço e vou para a escola, chegando lá, encontro alguns colegas pra conversar ou apenas ouvir música. [Ricardo]

¹ Danilo possui piercings no rosto e cabelo comprido, o que não é comum entre os alunos da escola.

Apesar de sua reclamação, Ricardo acaba destacando a importância que tem para ele o aspecto convívio da escola, uma vez que poderia se afastar da escola valorizando o convívio fora dela, mas prefere manter seu grupo limitado de amigos na escola.

Em sua redação Bel afirmou que seu interesse pelas disciplinas varia de acordo com o ano, o que foi aprofundado e reiterado por outros alunos durante a elaboração do roteiro em grupo:

No momento as aulas mais interessantes são as de inglês e filosofia por enquanto são as mais legais, mas isso muda a cada ano. [Bel]

Neste depoimento, Bel não explica os motivos para o interesse variar de acordo com o ano, mas suas falas durante a discussão do roteiro demonstraram a ligação que ela faz entre seu interesse pela disciplina e sua relação com o professor.

5.2.3.1.2 *Elaboração do roteiro*

Dentre os alunos do Grupo I, foram mais frequentes as expressões de crítica à escola enquanto instituição, especialmente nas redações. Durante a elaboração do roteiro os alunos voltaram a falar da tensão entre a necessidade de manter-se na escola para garantir a qualificação para o trabalho e o desinteresse por ela, como nos seguintes depoimentos de Bel e de Rafael:

Pesquisadora – O Daniel não se interessa pela escola, vai mais por causa do projeto. Vocês sentem isso?

Bel – Eu sinto, nossa, eu fico lá em casa falando: 'por que eu preciso estudar? Eu não preciso dessa merda, desse negócio, pra que que eu vou estudar, essa escola não me dá nada, não me dá um centavo, eu gasto com a escola em vez de ganhar com a escola'. Aí minha avó falava: 'Calma, Bel, tenha calma...' [...]"

[...]

Rafael – Vamos ver, escola, até gosto, até acho a mesma coisa que ela [Bel], ao invés de eu ganhar com a escola, eu gasto. Mas eu penso assim, o que eu gasto hoje em dia na escola, no futuro eu vou ganhar bem mais. É isso que me deixa aqui na escola até hoje também, gosto daqui por causa dos meus amigos, só tenho amigos

na escola mesmo, os que eu conheço são todos da escola, pouquíssimas pessoas, somente três que eu conheço não são da escola. [...]

Bel e Rafael expressam que, se por um lado acham que a escola não oferece nada para eles imediatamente, também entendem que ela vai contribuir no futuro. Nenhum dos dois sustentam formalmente suas críticas, dando a entender que não se interessar pela escola é resultado da falta de maturidade, como fica claro na conversa que Bel descreve.

Rafael toca também na questão do convívio com os amigos que para ele é um ponto em favor da escola, enquanto que para Ricardo é algo que o afasta dela:

Pesquisadora – E você Ricardo?

Ricardo – Ah, eu gosto dessa escola sim, é que, eu gosto de ficar aqui, tipo conversando assim, só não gosto...

Isa – Você se sente isolado...

Ricardo – É, isso aí mesmo, quando eu estava ali, todo mundo ali na arquibancada quando eu passava todo mundo ficou olhando e todo mundo fica rindo do meu estilo também, aí, pô, não dá nem vontade de vir pra cá... É chato isso [...]

Os alunos falaram também, na discussão, da relação com os professores e de como ela interferia no interesse deles pela escola. Juliana, ao justificar porque não ia bem na escola, falou de um professor de matemática que tratava mal aos alunos e que reprovou grande parte da turma. Ricardo, por sua vez, ao fazer suas críticas à escola, especialmente às dificuldades do convívio no interior dela, citou um problema que teve com uma professora:

Ricardo – Ontem a professora de português me chamou de burro, porque eu terminei rápido a prova, eu também não sabia.

Rafael – Pode não, cara, você tem o direito de processar ela por causa disso, sabia?

Juliana – Então, esse professor de matemática, que eu tinha problema com ele, ele falava que se treinasse um chimpanzé ele faria uma prova melhor do que a gente. Aí eu ficava muito revoltada.

5.2.3.1.3 Entrevistas

Em sua entrevista, Ricardo reiterou o que disse a respeito do seu incômodo com a forma como se sente rejeitado por alguns alunos. Segundo ele, a sua aparência faz com que as pessoas interpretem de forma errada algum comportamento, como o de cumprimentar uma menina com dois beijinhos, o que para ela foi visto como desrespeito, opinião que ele acredita ter sido fruto de preconceito.

Por outro lado, Ricardo ressalta na sua trajetória escolar o fato de ter conhecido, na quinta série, um menino repetente que se tornou seu melhor amigo. Ele descreve que até então era muito quieto, chorão, e depois de conhecê-lo começou a se sentir mais seguro:

Ricardo – Aí eu fiz amizade comecei a andar mais com o pessoal assim, andava pela escola toda sem me preocupar com as pessoas olhando pra mim, eu me sentia melhor assim, pelo menos com uma pessoa do meu lado [...]

Ao contrário do que poderia parecer a princípio, Ricardo valoriza a função da escola como espaço de socialização, o que pode ser a explicação para o fato de citar tantas vezes seus problemas de convívio com outros colegas, demonstrando preocupar-se com isso.

Já Rafael manteve em sua entrevista uma postura bastante distinta da que priorizou na sua redação, deixando de lado o tom irônico para aprofundar com seriedade os assuntos de que tratou na primeira etapa da pesquisa. Ao ser pedido para dar algum exemplo sobre os problemas da escola que indicou na redação, Rafael contou a história de uma professora que pediu que os alunos fizessem uma fotocópia que lhes custou mais de R\$10, e reclamou que tinha que tirar mesmo sem saber se ia passar de ano:

Rafael – Quando eu estudava na minha antiga escola não era assim, eu ganhava nota tranquilo. Agora assim, ter que gastar dinheiro pra no final do ano não saber se vai passar de ano ou não.

Rafael diz que sua escola adotava a aprovação automática, exceto no último ano, quando foi extinta. Apesar de fazer essa reclamação sobre a incerteza de passar de ano, Rafael afirma que prefere o modelo de avaliações atual:

Pesquisadora – Mas você acha melhor [a extinção da aprovação automática]?

Rafael – Com certeza, porque, vamos ver, é..., de fato eu teria que estudar mais, mas eu não conseguia, eu nem me dedicava, não sei nem como eu passei de ano, só sei que eu passei mal e agora eu cheguei aqui muito relaxado, isso por causa da aprovação automática.

Rafael associa seu mau-rendimento na escola nesse ano, ao fato de ter se tornado relaxado devido à aprovação automática. Na entrevista, portanto, ele deixa de lado a repulsa à escola manifestada na redação e busca explicações mais consistentes, além de reconsiderar a importância do sucesso nas avaliações, provavelmente influenciado pela discussão travada para a elaboração do roteiro.

5.2.3.2 Grupo II

5.2.3.2.1 Redações

Nas redações do Grupo II, foram frequentes as referências à escola como espaço de preparação para o futuro, para o mundo do trabalho:

Sempre gostei de estudar, sempre fui muito boa aluna, esse ano ando meio relaxada, mas vou me recuperar, pois tenho meus objetivos e sei que os estudos podem me ajudar. [Letícia]

Na escola, falo com bastante gente, procuro tirar notas boas, porque sei que o maior benefício vem para mim mesma. [Gabriela]

A escola é tudo para uma pessoa, considero-a como a base para um futuro brilhante [...]. [Cristina]

Acho que a escola pode contribuir me dando educação de qualidade e base para uma futura faculdade. [Diego]

A importância da escola como “base para o futuro” foi bastante ressaltada pelos participantes deste grupo, especialmente durante a elaboração do roteiro para o vídeo, como veremos adiante. Nos depoimentos transcritos acima, fica

clara a idéia circulante de que a escola “dá algo” ao aluno, que tem que ser responsável para ser digno desse “benefício” que vira no futuro. No entanto, na redação de Carolina, participante deste grupo, ficou exposta outra forma de relacionar-se com a escola e o conhecimento que ela oferece:

A escola, antes de mais nada é um lugar para aprendermos, sermos educados, compreendendo assim, por exemplo: o tempo, a matemática, o aquecimento global, como escrever/ler, entender os engenheiros, enfim ela nos abre caminhos para pensarmos no futuro, no que queremos fazer daqui em diante, e para mim a escola não tem fim porque a vida é uma escola! [Carolina]

Eu acho a aula de filosofia muito importante, porque ela nos faz pensar nas coisas que ‘pensamos’ que são tão simples, mas na realidade não são, português eu acho essencial, mas nem gosto muito, mas depende do professor e como ele ensina a disciplina... [Carolina]

A definição de Carolina da importância da escola se diferencia bastante das expostas nas demais redações de seu grupo. Ela enfatiza, no primeiro trecho transcrito, a importância intrínseca do conhecimento adquirido na escola e, apesar de estender sua função para o futuro, se refere a ela como lugar para pensar sobre ele, avaliando o futuro do lugar da escola e não o contrário como parecem fazer os demais. Podemos pensar que Carolina olha para seu futuro a partir do que a escola lhe oferece no presente, enquanto Letícia, Gabriela, Diego e Cristina parecem adiantar o futuro e definir a escola a partir do que ela teria contribuído para ele.

No que diz respeito à opinião de Carolina sobre a disciplina de filosofia, é curioso observar como ela também é a única, dentre os participantes de ambos os grupos, a valorizar especificamente o exercício reflexivo, a produção de conhecimento do próprio aluno sobre sua própria vida.

Além destas questões, Carolina levantou também o tema do impacto da relação entre professor e aluno no interesse deste pela disciplina. Apesar de ter sido um assunto pouco aprofundado tanto nas redações como nas discussões, foi tratado pela maioria dos participantes – como já foi visto também na etapa de elaboração do roteiro do Grupo I – mesmo sem que isso tenha sido encorajado pela pesquisadora nas diferentes etapas da pesquisa:

Geralmente eu gosto das aulas de filosofia, ainda que muitas SEMPRE vezes o professor implique comigo, é um saco, e também curto as aulas de matemática, biologia, sociologia e física, esta é a melhor! [Matheus]

Este ano estou gostando de matemática, tudo muda quando o professor é bom.
[Gabriela]

Em sala de aula procuro prestar atenção, sou tranqüila, claro que às vezes com sono, dependendo do professor, dá até pra cochilar, converso nas aulas, mas sei a hora de parar, sempre fui assim... [Carolina]

5.2.3.2.2 Elaboração do roteiro

Nos roteiros desenvolvidos pelo Grupo II, os personagens de Renata e Guilherme viviam dilemas mais ligados a fatores externos à escola, como o ingresso precoce no trabalho ou o processo de emancipação da família, que acabavam por fim interferindo na relação com a escola. Foi possível perceber, no entanto, que os participantes se referiam aos personagens como dois tipos opostos de aluno, respectivamente, o responsável e o irresponsável, considerando a obtenção do diploma como obrigação juvenil, reiterando o discurso do valor prospectivo da escola.

5.2.3.2.3 Entrevistas

Nas entrevistas do Grupo II, foram priorizadas, assim como na elaboração do roteiro, questões referentes às relações familiares e aos planos de futuro. Nas poucas referências aos fatores intraescolares, os participantes reiteraram as opiniões expostas em suas redações.

5.2.3.3 Conclusões parciais sobre a dimensão dos fatores intraescolares

O tema do desinteresse pela escola teve grande peso nos depoimentos pessoais do Grupo I e também repercutiu na discussão do roteiro do Grupo II, quando falavam do personagem de Guilherme. As razões citadas para o desinteresse foram distintas, tais como: dedicação ao trabalho, irresponsabilidade

tipicamente juvenil, problemas nas relações com professores ou outros alunos, dificuldades nas relações familiares etc.

Na maioria dos depoimentos, esse desinteresse não foi justificado por alguma crítica à escola, pelo contrário, como já foi dito, a escola foi representada por quase todos os alunos como uma oportunidade à qual o aluno deve ser digno para alcançar os benefícios que ela proporciona. A crítica à escola esteve explícita em algumas falas, mas não encontrando fundamentos argumentativos que a sustentem, os alunos, em uma espécie de resignação, passaram a responsabilizar a si-mesmos pelo desinteresse pelos estudos. A experiência escolar, para esses alunos, constitui-se em um tipo de provação, ritual de passagem para o futuro.

Nos depoimentos de Carolina, no entanto, ela descreve outro tipo de experiência diante da escola, que valoriza o presente, o acesso ao conhecimento e à reflexão. Carolina vê a escola como espaço para ser aproveitado para a formação individual, e não como obstáculo a ser superado, como pareceu na maioria dos depoimentos. Ricardo, por outro lado, apesar de demonstrar-se desanimado com as aulas e também se responsabilizar pelo seu mau-desempenho, conseguiu esboçar alguma crítica contra a escola ao sugerir que houvesse mais oficinas, que permitissem aos alunos entrar em contato com atividades que poderiam exercer profissionalmente.

O que Ricardo sugeriu, foi que a escola se aproxime dos alunos, oferecendo oportunidades para que eles exerçam suas escolhas e trabalhem com autonomia. De acordo com Abrantes (2003) a escola estabelece uma relação burocrática e distante com seus alunos e lhes confere pouca autonomia para a produção da realidade escolar, causando o desinteresse como é endossado pela observação de Ricardo. Certos de que precisam da escola para obter qualificações para o trabalho, os alunos se esforçam, como reiteraram em seus depoimentos, para entrar no jogo da escola e “tirar boas notas”. Ainda segundo Abrantes, tem sido observado que a própria escola incentiva essa perspectiva projetiva dos alunos e exclui aqueles que a vivenciam de outras formas, menos passivas. A sugestão de Ricardo vai ainda ao encontro da observação de Abrantes de que algumas atividades, que permitem a participação mais ativa dos alunos contribuem para que os alunos concebam a escola como "espaço de construção e exploração, diversão e autonomia" além de permitir que interesses pessoais se desenvolvam e que se configure um sentimento de identificação e integração (*op. cit.*, p.104).

Outro tema que teve relevância nos depoimentos foi o das relações interpessoais no interior da escola e a forma como elas incidem sobre o interesse pela escola e pelas aulas específicas. Ficou claro que uma boa relação com o professor é imprescindível para desenvolver o interesse entre os alunos. Além disso, os depoimentos de Ricardo, especialmente, mostram que a interação com outros alunos pode tanto aproximar o aluno da escola, como afastá-lo. Esta conclusão endossa a observação de Abrantes (2003), segundo o qual as redes de interação estabelecidas na instituição constituem a "identidade da escola", em meio à qual os alunos configuram suas próprias identidades.

5.2.4 Espaços extraescolares de socialização

5.2.4.1 Grupo I

5.2.4.1.1 Redações

A leitura das redações permitiu ver que os alunos que se dispuseram a participar da oficina que fez parte da pesquisa, costumam buscar atividades formativas fora de escola. No caso do Grupo I, o curioso é que os mesmos alunos que demonstraram desinteresse pelos conteúdos escolares e dificuldade para estudar, revelaram dedicar parte de seus tempos a aprender coisas que lhes interessam:

Gosto muito de música, adoro aprender um pouco mais sobre os estilos musicais, me dedico todo dia tocando violão e guitarra, ou qualquer outro instrumento que eu possa aprender. [Ricardo]

gosto de tocar violão, de computador, capoeira e também gosto de conhecer coisas novas. [Rafael]

Minha rotina diária é assim: na terça-feira e na quarta eu faço teatro no turno da manhã no Grupo Nós do Morro, lá eu tenho uma banda onde ensaio às 19:00 da noite na sexta-feira e às 15:00 no sábado, à tarde venho para a escola e nas quintas-feiras eu faço os deveres de casa. [Bel]

Confirmando esta tendência, Bel faz questão ainda de ressaltar que não crê que a escola tenha o monopólio sobre a formação do indivíduo, valorizando experiências exteriores a ela:

A escola contribui com o conhecimento, porém, eu acredito que a maior escola é a vida, muitos dizem que a escola vai acrescentar para sermos alguém na vida, eu não acho, pois acho que a partir do momento em que eu nasci eu já era alguém, já era um pequeno ser em construção. [Bel]

Além da importância do teatro para sua formação, que reitera ao longo de toda sua fala na pesquisa, Bel exalta a influência de uma amiga, que conheceu neste mesmo projeto:

[...] a minha melhor amiga e conselheira é a Flavia Coutinho que me incentiva a estudar e me faz me sentir bem estudando. [Bel]

5.2.4.1.2 *Elaboração do roteiro*

Alguns fatores extraescolares, além dos referentes aos laços familiares, atravessaram o tema da relação entre os alunos e a escola. O fato de o personagem de Daniel fazer parte de um projeto de produção de vídeo em uma ONG foi inspirado na vida de Bel, que dedica a maior parte de seu tempo fora da escola às aulas de teatro e à banda de que faz parte, ambos os projetos de uma mesma organização. Não por acaso ela se identificou bastante com o dilema dele e contribuiu para dar solidez ao personagem e à sua trama, falando de sua própria experiência nos projetos.

Ela falou do incentivo que os gestores desses projetos dão à dedicação de seus alunos à educação formal, cobrando o bom rendimento escolar como condição para a participação nas aulas:

Bel – Geralmente os projetos cobram da escola, né, pelo menos o teatro onde eu faço cobra o boletim todo bimestre. Eu acho que ele podia também estar... o grupo pedindo as coisas para ele sobre a escola e tal, mas como ele não foi à escola não vai ter. Já é mais um problema para ele resolver, ir à escola para poder sustentar o projeto.

Além disso, ela falou também da importância dessas atividades para a formação pessoal dos seus participantes, da contribuição para o amadurecimento pessoal:

Pesquisadora – Eu ia perguntar uma coisa para vocês, o que mudou na vida do Daniel depois que ele entrou pro projeto? Na vida e na cabeça dele?

Bel – Bom, eu vou contar de mim assim, quando eu entrei no Nós do morro eu fiquei mais solta, porque eu era muito tímida, agora quando uma pessoa é muito rebelde, como é o caso de vários coleguinhas meus, eles geralmente ficam mais maduros, tornam-se homens, e tem gente que começa a namorar, e acho que o Daniel, ele se torna esse homem, até porque ele é mais velho... bem, sei lá...

5.2.4.1.3 Entrevistas

Na entrevista, ao falar de seus planos para o futuro, Ricardo relata como desenvolveu seu interesse por música e como começou a aprender:

Ricardo – Eu já tenho assim, pra música, começou quando eu era criança mesmo, tinha 10 anos só, eu ouvia as músicas assim, eu queria saber como é que os caras faziam aquilo direitinho, eu falava isso pro meu pai, mas ele não acreditava não, que eu queria aprender, aí eu fui lá eu comecei a fazer aula, me esforcei, fiz só um mês de aula, de violão, aí eu saí da aula porque era de graça, quando é de graça é ruinzinho, aí eu comecei a aprender sozinho em casa [...]

Ricardo, que dizia ter dificuldade em se concentrar para estudar as matérias da escola, não manifesta o mesmo problema quando se trata de aprender a tocar violão.

Ao falar mais sobre sua responsabilidade, característica que ressaltou ao longo de todo o processo, Bel se refere mais uma vez ao teatro como incentivo para superar obstáculos como o da escola:

Bel – A responsabilidade, tipo assim, devido a todas as coisas que eu faço, como o teatro, exige que eu esteja boa na escola pra poder ir fazendo cada vez mais as coisas. O que me dá mais responsabilidade é saber que se eu não fizer todas essas coisas, todas as minhas obrigações, eu não vou poder estar sendo responsável com as outras que vêm mais à frente [...]

5.2.4.2 Grupo II

5.2.4.2.1 Redações

Dentre os participantes do Grupo II, apenas nas redações de Carolina e Cristina havia referências a atividades extracurriculares que frequentavam:

Acordo umas 6:00 da manhã, vou pro colégio, em dias de segunda faço um projeto que se chama “miniempresa”, na terça, é escola, casa e depois pegar meu irmão no colégio, quarta tenho vôlei, quinta quando dá faço aula de violão... [Carolina]

Minha vida é bastante agitada porque faço muitos cursos: gás e petróleo, espanhol, inglês e teatro. [Cristina]

Além disso, Cristina, assim como Bel, ressalta a importância da influência de seus amigos na sua formação pessoal:

Meus amigos são bastante diferentes de mim, em relação a quase tudo, acho divertido ser assim porque através deles estou conhecendo muitas coisas novas, algumas estou abandonando como violão. [Cristina]

5.2.4.2.2 Elaboração do roteiro

Na discussão para elaboração do roteiro do Grupo II, a causa do desinteresse de Guilherme pela escola era sua dedicação ao curso de teatro. No entanto, se no roteiro produzido pelo Grupo I a atividade extracurricular foi tratada como um incentivo para o sucesso escolar, no caso da trama desenvolvida pelo Grupo II, ela foi responsável pelo gradual abandono da escola.

O Grupo II concebeu o grupo de teatro como uma atividade profissional do personagem, por isso esta parte da discussão foi tratada na categoria dos fatores relacionados ao trabalho e perspectivas de futuro.

5.2.4.2.3 Entrevistas

Em suas entrevistas, Cristina e Diego relacionaram o ingresso em aulas de teatro ao fato de terem deixado de ser tímidos:

Cristina - É, bom, eu era bastante tímida e não ajudava bastante pra fazer amizade e tal e até pra falar com as pessoas, aí depois que eu passei a fazer teatro ajudou bastante porque eu deixei meu medo de falar com elas e depois que eu deixei de ser tímida eu fiz bastantes amigos. [...]

Pesquisadora – O que você achava de ser tímida?

Cristina – Muito ruim. Porque às vezes eu queria falar sobre as minhas ideias, falar o que eu achava e ficava com vergonha de falar, aí eu era praticamente cortada daquela conversa, e isso é bastante ruim.

Diego – Eu sempre fui meio tímido, aí eu entrei no teatro e fui me soltando também, eu vi que minha timidez atrapalhava muito, tanto nos estudos como no convívio social.

A timidez foi descrita por ambos como um fator que impedia a participação deles nas conversas, e Diego ressalta particularmente o fato de atrapalhar nos estudos também.

5.2.4.3 Conclusões parciais sobre a dimensão dos espaços extraescolares de socialização

Apesar de apenas Bel ter declarado formalmente que a escola, ainda que seja importante, não tem o monopólio sobre a formação dos sujeitos, grande parte dos alunos deram exemplos em seus depoimentos de experiências de formação vividas em espaços exteriores à escola.

Foi importante observar que os participantes do Grupo I, que afirmaram ter dificuldades com a aprendizagem escolar, se identificaram como interessados por aprender e dedicados a diversos tipos de atividades de formação no horário oposto ao da escola, afirmação que faz cair por terra o discurso da irresponsabilidade juvenil como motivo para o fracasso escolar. As atividades citadas por esses alunos – teatro, capoeira, música, computador – demandam grande participação e

autonomia, à diferença das formas mais tradicionais de ensino, nas quais ao aluno é esperado que se mantenha atento e em silêncio.

De acordo com os depoimentos dos participantes deste grupo, a responsabilidade demandada por essas atividades de caráter mais interativo acabam por incentivar o envolvimento com a escola, uma vez que a educação formal é vista como imprescindível para o desenvolvimento de qualquer atividade, mesmo aquelas aprendidas fora dela.

Já os participantes do Grupo II, que se mostraram bem mais favoráveis à escola do que os do outro grupo, não manifestaram o mesmo entusiasmo com relação às atividades extracurriculares, apesar de alguns relatarem participar ou ter participado de aulas de teatro ou cursos profissionalizantes. Neste grupo foi levantado por Cristina e Diego o tema da importância das aulas de teatro para melhorar a timidez excessiva, o que também foi superficialmente tratado por Bel.

Ricardo, Bel e Cristina exaltaram ainda a relação com amigos como fator importante para a formação como indivíduos.

Dayrell (2007) defende que hoje a escola perde espaço na função da socialização das novas gerações, para as quais ganham maior importância as relações estabelecidas no que ele chama de "espaços intersticiais", aqueles que se configuram nos intervalos das obrigações. Os depoimentos dos alunos reiteram esta constatação, no entanto, parece que estes espaços não se configuram apenas em oposição às "obrigações", mas sim à passividade. As atividades citadas como formadoras da identidade dos alunos, tais como o teatro de Bel, o violão de Ricardo ou a capoeira de Rafael, não são espaços da liberdade, uma vez que demandam compromisso e responsabilidade, mas da participação e da interação.

5.3

Análise da construção identitária individual

Nesta etapa da análise procuramos avaliar como os participantes se posicionaram individualmente diante dos temas levados à tona no processo de pesquisa. Com base no que foi exposto pela *análise do posicionamento coletivo* buscamos compreender como os participantes elaboram suas identidades como alunos a partir das “posições do *eu*” sustentadas por cada um deles e como estas

posições se alteraram nos diferentes contextos de interação ao longo da oficina de vídeo.

Além das posições referentes aos temas tratados na análise do posicionamento coletivo, consideraremos também, nesta etapa da análise, as formas como os alunos se descreveram, especialmente em suas redações. Analisaremos se as descrições de si-mesmos vão ao encontro das posições que demonstraram nas fases da elaboração do roteiro e da entrevista, quando interagiam mais diretamente com os outros participantes e com a pesquisadora.

Para esta etapa da pesquisa optamos por analisar os posicionamentos de apenas seis, dos 12 alunos que participaram da pesquisa. Foram selecionados para esta análise os depoimentos dos alunos que participaram mais efetivamente das etapas da pesquisa, expuseram suas próprias posições sobre diversos temas, além de representarem formas distintas de se posicionar diante dos mesmos dilemas. Os alunos cujos depoimentos foram analisados são: Ricardo, Bel e Rafael do Grupo I e Carolina, Gabriela e Matheus do Grupo II.

5.3.1 Ricardo

Em sua redação, Ricardo prioriza falar de sua relação com outros jovens. Como vimos, ele afirma sentir-se rejeitado pelos outros alunos da escola, o que o incomoda muito fazendo com que procure se isolar com seu grupo restrito de amigos. No entanto, Ricardo não demonstra querer mudar seu jeito ou sua forma de se vestir para sentir-se acolhido, pelo contrário, afirma preferir contar com companhias mais leais, que o aceitem como ele é.

Ricardo apresenta-se como uma pessoa independente, não apenas dos amigos, mas também em sua relação com a escola e com o conhecimento de uma maneira geral. Fala de seu prazer em aprender sobre música e demonstra preocupação com seu desempenho na escola e se responsabiliza por ele, apesar de se considerar um mau aluno. Ele valoriza a educação formal, mas propõe mudanças que a tornem mais adequada aos interesses e necessidades dos alunos, diferente dos demais participantes que fizeram críticas à escola, mas não sugeriram formas para torná-la melhor.

Na discussão para elaboração do roteiro, ao falar o que sentia em relação à escola, Ricardo voltou a falar de suas dificuldades de convívio. Enquanto outros participantes da discussão expuseram desinteresse pela escola, Ricardo lamentou o fato de não manter boas relações dentro dela, o que o desanimava. Por outro lado, ao criticar o irmão que abandonou a escola para trabalhar como entregador, Ricardo se posicionou em favor da escola, ressaltando a importância do diploma do Ensino Médio como garantia de empregabilidade.

Na entrevista, Ricardo falou de seu desejo de ir para a faculdade depois do Ensino Médio e faz uma crítica aos jovens que se contentam com qualquer trabalho e não pensam no futuro. Nesta etapa, ele falou novamente do seu problema de convívio com outros alunos e disse ficar chateado, por ser “tão legalzinho” e as pessoas reagirem diante dele sempre movidas pelo preconceito contra sua aparência. Ao falar de sua trajetória escolar, ele ressaltou o momento em que conheceu um menino que se tornou seu melhor amigo e que o fazia companhia na sua antiga escola, com o qual começou a se interessar pela música.

Ricardo apresentou-se como uma pessoa pouco sociável, porém independente e seguro de si. Ao descrever-se, não exaltou suas qualidades, não usou adjetivos que o representassem, optou por fazê-lo através da descrição de seus hábitos e preferências. Em suas opiniões sobre a escola, demonstrou-se preocupado com o futuro e obstinado, mas ressaltou que problemas em outras instâncias, como no convívio familiar ou com outros jovens, dificultam seu desempenho como aluno.

5.3.2 Bel

Em sua redação Bel se descreveu como “menina madura, devido às responsabilidades diárias, sou legal, extrovertida, sincera, preguiçosa demais, mas responsável.”. Bel atribuiu a maturidade e a responsabilidade às diversas atividades de que faz parte, como o teatro e uma banda de percussão. Na escola, ela disse que estuda, apesar de não gostar, assim como “muitas adolescentes na idade dela”. Ao falar de sua vida, ela priorizou se referir às relações e práticas sociais exteriores à escola e ressaltou que, apesar da escola contribuir com o conhecimento, os indivíduos estão sempre em formação, desde que nascem e a

todo tempo. Com relação ao futuro, ela disse querer acabar logo os estudos para poder trabalhar com música ou artes cênicas.

Na discussão para elaboração do roteiro, Bel falou dos bicos que fez para ganhar dinheiro e falou mais uma vez da vontade que tem de começar a trabalhar. Como todos os outros participantes do Grupo I, ela disse que a família não apóia que ela trabalhe, mas ela afirmou que gostaria de trabalhar para ajudar a avó que a sustenta. Com relação aos estudos, Bel disse que frequentemente se revolta contra a escola, fala em abandonar, mas a avó a tranquiliza.

Na entrevista, Bel demonstrou-se preocupada com o bem-estar da avó e reiterou sua identificação com a personagem da Mariana que na trama procurava um emprego para ajudar em casa. Ela falou também, que as atividades como o teatro a tornaram mais responsável, inclusive com relação à escola.

Bel identificou-se como uma aluna enfadada com a escola, que só permanece e se esforça para estudar, porque sabe que o conhecimento que a escola oferece pode ser importante para o seu futuro. Ela expressou ver a escola como uma obrigação, que precede o trabalho.

5.3.3 Rafael

Rafael se descreveu, em sua redação, como quieto, mas brincalhão quando animado, disse que não consegue ficar parado e é carinhoso, amigável e prestativo. Quanto à sua opinião sobre a escola, ele posicionou-se ironicamente, demonstrando não ter nenhum interesse por ela. Ao falar de seus planos para o futuro, mostrou-se mais voltado para o presente, falando de desejos próximos, como o de comprar um violão.

Ao longo da discussão para a elaboração da trama dos personagens, Rafael colocou-se de forma mais séria e tocou em assuntos, como o dos problemas familiares, de que não tinha falado em sua redação. A respeito da escola, ele mudou sua postura em comparação com a redação, e ressaltou o fato de, apesar de criticar a escola, saber que ela pode trazer benefícios futuros. Sobre as questões familiares, durante o debate sobre a causa da rebeldia do personagem Daniel, Rafael sugeriu que ele tivesse problemas em casa e descreveu uma situação de um pai desempregado, que nada faz além de assistir à televisão.

Em sua entrevista, Rafael explicou melhor e justificou as críticas que havia feito sobre a escola em sua redação. Assim como na discussão do roteiro, Rafael posicionou-se de forma mais séria e reiterou a importância da escola para garantir um futuro melhor. Ao ser perguntado se algum tema discutido na elaboração do roteiro o havia feito pensar sobre sua própria vida, Rafael disse ter se identificado com o tema dos problemas familiares e falou do alcoolismo do pai e descreveu-se como impotente diante desta situação.

Rafael foi o participante que mais claramente mudou seu posicionamento ao longo do processo de pesquisa. Se na redação colocou-se como brincalhão e despreocupado, na discussão e na entrevista mostrou-se mais sério e apreensivo, especialmente com relação ao desempenho na escola e ao futuro profissional. A respeito de algo que tenha pensado sobre seus planos de futuro depois da oficina, Rafael relatou que pensou sobre a importância da escola para ingressar em uma boa faculdade e poder conseguir um estágio.

Seu depoimento na entrevista a respeito dos problemas com seu pai, além das sugestões que fez para a história do personagem Daniel, demonstraram que este é um assunto que o preocupa, mas que só pode emergir graças à intimidade estabelecida com a pesquisadora durante a oficina e o surgimento do tema dos problemas familiares na discussão sobre o roteiro. Além disso, acreditamos que a possibilidade de discutir este assunto no contexto da construção da trama de um personagem de ficção, possibilitou que ele tivesse um olhar mais objetivo sobre a situação que ele vivia.

5.3.4 Carolina

Carolina se descreve como uma menina tranquila, simpática, mas também tímida e que gosta de ajudar as pessoas. Como aluna, ela se representa como tranquila, que procura prestar atenção, mas cochila às vezes, e apesar de conversar um pouco, sabe os limites. Carolina demonstra gostar de aprender e foi um dos poucos participantes a exaltar a escola como espaço de acesso ao conhecimento, em vez de priorizar sua função prospectiva. Ao falar de seus planos para o futuro, disse que pretende trabalhar e “se possível fazer uma faculdade”, mas não

especificou interesses específicos, demonstrando-se ainda bastante focada nas questões do presente.

Na discussão para elaboração do roteiro, enquanto outros participantes criticavam a opção de um aluno de ter abandonado a escola para dedicar-se ao teatro, Carolina defendeu-o, dizendo acreditar que ele poderia seguir a carreira de ator mesmo sem a escola. Colocando-se em defesa dos interesses mais imediatos, Carolina reitera o posicionamento que demonstrou na redação, mostrando-se menos apreensiva que os demais participantes em relação à garantia de estabilidade futura.

Em sua entrevista, ao falar do impacto da discussão em seus planos de futuro, Carolina disse que desde pequena gostaria de ser médica, mas que sabia que era muita difícil e que não havia pensado em algo que gostaria de fazer. Ela relatou também que estava procurando um emprego, mas que ia deixar para depois das férias, quando ia viajar com a família.

Carolina mostrou-se durante toda a entrevista uma jovem que valoriza a satisfação pessoal e associa o estudo ao prazer e não a uma obrigação necessária para a garantia de um futuro melhor, como colocado pela maioria dos participantes da oficina.

5.3.5 Gabriela

Gabriela dedicou maior parte de sua redação à sua família e definiu-se em oposição a ela. Descreveu sua família como demasiadamente fechada em si, especialmente em torno de sua avó. Gabriela definiu seus familiares como acomodados e, em oposição a isso, afirma que lutará pelos seus objetivos. Disse que, "apesar disso" (seus problemas com a família), é alegre e engraçada com seus amigos. Como aluna disse buscar ter um bom desempenho, porque sabe que a escola lhe trará benefícios. Como plano de futuro pensa em fazer arquitetura, porque acredita ter aptidões para isso, e também está procurando emprego e quer fazer vestibular.

Na discussão do roteiro, em relação ao personagem de Guilherme, Gabriela demonstrou valorizar a importância da qualificação escolar para garantir a vida no futuro. Ao falar sobre a personagem de Renata, Gabriela disse que se identificou,

mas não gostou da história criada para ela, que desiste de morar com o namorado e volta a morar com a mãe porque não consegue dar conta dos compromissos exigidos pela nova vida. Gabriela relata, então, que gostaria de fazer o mesmo, pretendia conseguir um emprego assim que saísse da escola e deixaria a faculdade para quando já estivesse mais estável.

Na entrevista, Gabriela voltou a falar de sua relação com a família e de sua vontade de sair de casa. Ela reiterou sua identificação com a personagem Renata e diz que não gostou do final da história, apesar de tê-la feito rever seus planos. Segundo ela, a discussão a fez concluir que deve ser mais calma, que não adianta querer tudo de uma vez, que é preciso pensar e planejar, no entanto a possibilidade de morar com o namorado ainda “está de pé”.

Gabriela demonstrou, a partir de seus posicionamentos, estar em busca de sua independência e ser bastante obstinada. O processo de elaboração da trama da personagem de Renata a fez refletir, todavia, a respeito de seus planos e das possíveis dificuldades que teria para levá-los adiante. Foi interessante notar que, apesar de afirmar não ter gostado do final, ela não argumentou em favor de outra trama, pelo contrário, foi inclusive uma colaboradora importante para a construção da história. A discordância entre o que planejava para si mesmo e o que previu para a personagem encaminhou para a revisão dos seus projetos que ela expõe em sua entrevista.

5.3.6 Matheus

Em sua redação Matheus apresentou-se como uma pessoa de personalidade forte que sempre impõe suas opiniões e críticas. Com relação à escola, Matheus enfatizou que a escola é “primordial na via de todos”, mas ressaltou a importância da agência individual, dizendo acreditar que é a pessoa que faz seu próprio futuro, independente da escola.

Durante a discussão da elaboração do roteiro de seu grupo, Matheus foi muito enfático em sua opinião de que sem estudar o personagem de Guilherme não seria ninguém. Ele confere grande importância à escola e acredita que o trabalho durante o Ensino Médio pode atrapalhar a estabilidade financeira que a qualificação pode proporcionar. Com relação à decisão de Renata de sair de casa,

Matheus manteve postura semelhante e defendeu que ela deveria investir em sua carreira antes de sair de casa.

Na entrevista, Matheus limitou-se a dar respostas curtas, mas reiterou que era “cabeça-dura” e relatou que costuma discutir muito com as pessoas por causa disso. A respeito de seus planos para o futuro, ele afirmou que não se conforma com pouco, quer fazer faculdade, se especializar, ter família, casa, carro, emprego e “tudo do bom e do melhor”. Segundo ele, a discussão o incentivou ainda mais a estudar, porque sabe que a escola é primordial.

A postura de Matheus ao longo da pesquisa reforçou sua descrição de si mesmo na redação. Ele mostrou-se sempre irredutível em suas posições e se disponibilizou pouco a refletir sobre si. Suas posições denotaram um aluno independente e obstinado, que dá grande valor à escola pela importância que ela terá no futuro, para garantir os seus desejos, especialmente os materiais.